

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: _____

Data: 03.05.84

Pg.: _____



Txucarramães soltam reféns

Quatro funcionários da Funai mantidos como reféns no Parque Indígena do Xingu pelos txucarramães foram libertados ontem após reunião na aldeia do Cretire quando o índio Megaron (de camisa clara, na foto) anun-

ciou aos caciques a exoneração do Presidente da Fundação e apresentou as propostas do Governo de desapropriação da área sagrada ("capoto") e de uma faixa de 15 por 70 quilômetros na margem direita do Rio

Xingu. Ao chegar a Brasília, o sertanista Sidney Possuelo — refém juntamente com Carlos Grossi, Lamartine Ribeiro e Cláudio Romero — afirmou: "Esta é uma decisão histórica. O índio ganhou." Página 8

Índios aceitam proposta e libertam reféns

BRASÍLIA — De um lado, estão os vitoriosos. Os índios txucarramães conseguiram a faixa de terra que reivindicavam. O Governo terminou com um conflito desgastante, à custa, inclusive, de um funcionário graduado. E os diretores da Funai presos como reféns foram libertados.

Mas, no reverso da medalha, há os descontentes. Os fazendeiros e empresários da região queixam-se do descaso com que foram tratados pelo Governo, não sendo sequer ouvidos. E a população de São José do Xingu, com o possível fechamento da BR-80, teme passar a habitar uma cidade fantasma.

Os quatro funcionários da Funai mantidos durante 21 dias como reféns pelos índios txucarramães no Parque do Xingu foram libertados ontem, ao meio-dia, depois de reunião de duas horas em que o líder Megaron anunciou a demissão do Presidente da Funai e apresentou a proposta do Governo — cessão da área sagrada do Capoto e da faixa de terra de 15 por 70 quilômetros na margem direita do Rio Xingu.

Apesar de os índios terem concordado com a proposta do Governo, a crise no Parque do Xingu só deverá ser solucionada definitivamente hoje, em Brasília, durante reunião entre o Ministro Mário Andreazza e os 20 principais caciques do Parque. Os índios vão reivindicar um acréscimo de cerca de 30 quilômetros na área da margem direita do Rio Xingu, a interdição imediata de uma estrada vicinal que liga a BR-80 à Fazenda Santa Rita (cortando o Parque) e o desvio da BR-80 em toda a sua extensão dentro da área indígena.

TENSÃO

Os índios permaneciam tensos na manhã de ontem, apesar de terem recebido pelo rádio, no dia anterior, informações sobre a proposta do Governo. O Diretor do Parque do Xingu, Cláudio Romero, disse que os txucarramães insistiam em matar os reféns, em protesto "contra o descaso e demora das autoridades em apresentar uma solução para os problemas".

O líder txucarramãe Megaron — que participou das negociações com o Governo no início da semana — mostrou um mapa apontando a área cedida pelo Governo. Observou que a liberação da área do Capoto "foi uma vitória muito grande, maior até do que a área na margem direita do Rio Xingu, por tratar-se de uma região sagrada e importante para a caça". Esta área era reivindicada há mais de 20 anos pelos txucarramães.

ALEGRIA

O momento de maior alegria dos índios, entretanto, ocorreu quando Megaron leu o decreto, assinado pelo Presidente João Figueiredo, exonerando o Presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima. Depois de intenso aplauso, o cacique Prepori disse que "o Presidente da Funai aprendeu, agora, a respeitar os índios e entendeu que os caciques não são crianças".

Neste momento, o cacique Raoni mandou que um grupo de índios fosse buscar os reféns Lamartine Ribeiro, Sidney Possuelo, e Carlos Grossi e Cláudio Romero. Bastante tensos, os reféns

recusavam-se a fazer qualquer comentário sobre os 21 dias em que permaneceram detidos, limitando-se a dizer que "foi tudo bem". Antes de embarcar para Brasília, Sidney Possuelo informou que, pelo menos por três vezes, "teve muito medo de ser morto".

— Mas prefiro não comentar nada agora — disse, discretamente, aos repórteres.

BALSA

O cacique Krumari informou que a balsa apreendida há 40 dias será devolvida ao local em que a BR-80 cruza o rio no Parque do Xingu, mas observou que ela será controlada pelos índios.

— O cacique Bedjai é quem vai cuidar da balsa a partir de agora, porque não queremos mais brancos fazendo este trabalho — disse Krumari.

Todos os guerreiros voltaram ontem mesmo para suas aldeias.

— Agora está tudo em paz. O Governo deu o que queríamos e não há mais necessidade de ficarmos pintados para a guerra — concluiu o cacique Raoni.

REFÊNS

O índio ganhou. Esta é uma decisão histórica, pois é a primeira vez que os índios conquistam uma luta política. A opinião é do sertanista Sidney Possuelo, ao chegar a Brasília vários quilos mais magro mas satisfeito com o desfecho do episódio, depois de 42 dias de conflito.

A chegada dos reféns — além de Sidney, vieram os Diretores da Funai Lamartine Ribeiro e Carlos Grossi e o Administrador do Parque, Cláudio Romero, todos bastante abatidos — às 18 horas de ontem, foi repleta de emoção: no aeroporto, foram abraçados efusivamente pelo Ministro do Interior, Mário Andreazza, e reencontraram seus familiares.

Andreazza, satisfeito, posou para fotografias com os reféns e disse ao representante dos índios, Megaron:

— Vocês fizeram o que prometeram e eu tenho que fazer o que prometi — referindo-se ao compromisso assumido pelo Governo de demarcar 15 quilômetros de terras na margem direita do Xingu e mais a área sagrada do Capoto se os txucarramães libertassem os reféns.

Eles relataram ao Ministro, logo na chegada, o papel decisivo do índio Megaron (sobrinho do líder Raoni, atuou como emissário dos txucarramães), que conseguia acalmar mais de 150 guerreiros, armados com bordunas, que queriam matá-los.

— Nós devemos nossa vida a ele, que ficou de cabeça fria o tempo todo, junto com o cacique Raoni — disse o Superintendente da Funai, Lamartine Ribeiro, acrescentando que



Os índios acompanham os reféns, Sidney Possuelo, Lamartine Ribeiro, Cláudio Romero (mais atrás) e Carlos Grossi, na saída da aldeia do Kretire

a terra que os índios pedem "é importante para a sobrevivência de seus filhos e netos".

ORIGEM DO CONFLITO

A faixa de terra de 15 quilômetros na margem direita do Rio Xingu, no limite leste do Parque do Xingu, vinha sendo reivindicada pelos txucarramães há 20 anos como uma "faixa de proteção" para evitar o contato direto com fazendeiros e servir como fonte de alimento, através da pesca. Depois da construção da BR-080, em 1971, intensificou-se a revol-

ta dos txucarramães, que, em 1980, chegaram a matar a bordunadas 11 peões que trabalhavam nas terras.

Após o massacre, os fazendeiros começaram a respeitar a área reivindicada pelos índios, mas a Funai jamais apresentou solução para o problema. Além desta área, os índios reivindicavam também as terras do capoto, área sagrada dos txucarramães, — a 60 quilômetros da Aldeia do Kretire — que também ficou fora dos limites do Parque depois da construção da estrada.

'Banguê-banguê' teme ser riscada do mapa

BRASÍLIA — Se o Governo concordar em desativar o trecho da BR-80 que corta o Parque do Xingu — como reivindicam os índios — estará também extinguindo da região o pequeno lugarejo de São José do Xingu, conhecido como "banguê-banguê", onde vivem cerca de duas mil pessoas, na margem direita do rio Xingu, no extremo norte da estrada.

Desde o início do conflito, há 40 dias, os comerciantes de "banguê-banguê" estão totalmente ociosos, porque, com a apreensão da balsa pelos índios, o trânsito na BR-80 foi desativado.

— Os únicos carros que chegam aqui são de cobradores — disse o comerciante Melquide Benedito da Silva, dono do bar Casa Pio-

neira, que antes do conflito chegava a vender Cr\$ 100 mil por noite.

— Agora tem semanas em que não vendo nem Cr\$ 5 mil — acrescentou Melquide.

A proprietária do único hotel da cidade, Nelsina Luz, informou que há 40 dias tem apenas dois hóspedes: o balseiro e sua mulher, que terão suas diárias pagas pela Funai.

A comerciante Joaninha Pereira da Silva contou que 300 habitantes da cidade fizeram um abaixo-assinado, enviado ao Governador de Mato Grosso, Júlio Campos, reivindicando que a estrada não seja desativada, "para que a população possa sobreviver".

Fazendeiros vão recorrer à Justiça

SÃO PAULO — O Presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, Jeremias Lunardelli, informou ontem que, tão logo passe a "fase de estarecimento" dos empresários diante da decisão do Governo de transferir para os índios txucarramães uma área de 15 quilômetros à direita do Rio Xingu, além da região de Capoto, poderá entrar com ação legal conjunta em nome dos fazendeiros prejudicados com a medida.

— Os empresários que dedicaram suas vidas à ocupação e ao desenvolvimento da nova fronteira não podem ser tratados com tanto descaso — afirmou Lunardelli, lembrando que os proprietários da área do Parque Nacional do Xingu não foram sequer consultados pelo Governo antes que a decisão do Ministério do Interior fosse tomada.

— Não podemos permitir que o empresário seja esbulhado — acrescentou Lunardelli, informando que cerca de 30 empresários com projetos na Amazônia foram prejudicados pela decisão do Governo.